

MARINHO, Marcelo. *Grnd Srt~: vertigens de um enigma*. Campo Grande: Letra Livre / UCDB, 2001, 230p.

Ivan Russeff

Universidade Católica Dom Bosco

**H**aja vista a fortuna crítica de Guimarães Rosa, por vezes tem-se a impressão de que essa obra já foi estudada de forma exaustiva. Essa interpretação apresada revela-se equivocada ao se observar a grande quantidade de estudos publicados, por exemplo, apenas no ano de 2001. Dentre esses estudos, destaca-se a originalíssima leitura de *Grande Sertão: Veredas* proposta por Marcelo Marinho, doutor em Literatura Comparada pela Sorbonne Nouvelle, trabalho que, como se verá nas linhas abaixo, torna-se uma ferramenta hermenêutica imprescindível para a leitura do conjunto da obra do erudito autor das Minas Gerais.

O instigante estudo *Grnd Srt~: vertigens de um enigma*, de Marcelo Marinho, é a mais nova referência obrigatória dos estudos rosianos. Inicialmente realizado como pesquisa de doutorado, sob a privilegiada orientação do eminente comparatista Daniel-Henri Pageaux, o estudo é agora publicado em livro também no Brasil, após a publicação do texto integral, na França, aos cuidados das Presses Universitaires du Septentrion. Para breve publicação pela Editora L'Harmattan, em Paris, Marcelo Marinho prepara uma introdução a Guimarães Rosa para os leitores franceses, visto que *Diadorim* é um dos grandes sucessos de público naquele país.

Os primeiros enigmas em estado de decifração compõem-se daqueles famosos desenhos solicitados por Rosa a Poty, para ilustração das orelhas do romance. Esses desenhos, suprimidos pela Nova Fronteira, formam um paratexto (ou texto complementar justaposto ao texto primeiro) que traz uma série de protocolos de leitura para o romance. Tais desenhos, sob a aparência de elementos sertanejos (cabeças de boi, estrelas, cobras, buritis, cavaleiros) assumem a forma de pintura rupestre, de baixos relevos fenícios, de estrelas de Davi (que remetem o Grnd Srt~ do desenho ao hebraico, língua grafada sem vogais), ou a forma de hieróglifos, esfinges, pirâmides, íbis e Toth (o deus egípcio criador da linguagem), e endereçam o leitor rumo ao universo das letras, das Letras ou Literatura. O leitor poderá observar que Rosa ficcionaliza o próprio ato de leitura, e cria desvios de percurso que aumentam o aspecto enigmático do romance.

Estruturado em quatro capítulos, *Grnd Srt~: vertigens de um enigma* dedica o primeiro capítulo à análise da tessitura do discurso de Rio-bardo, o herói

do *Grande Sertão*, com base em idéias anunciadas por Platão em *Crátilo*. O segundo capítulo decifra o paratexto rosiano, ou seja, os hieróglifos, alfabetos e desenhos que ilustram as orelhas e transformam o romance em representação do universo das Letras: a guerra de jagunços torna-se a guerra de bardos guerreiros (Drumão, Dos Anjos, Joyce Rebel Adro Untunes, Selo(do)dorico Mendes ou Rio-bardo, o Rosa “eu poeta”). O terceiro capítulo analisa o embate entre Rio-bardo/Urutu/Crótalo e Hermógenes, ou entre a poesia e o signo arbitrário saussuriano (o “signo liso” de Saussure corresponderia ao “Liso do Sussuarão”, deserto escorradio que é preciso atravessar para se dar fim a Hermógenes, esse “epônimo de Saussure”, nas palavras de Gérard Genette). Nesse capítulo, o embate central do romance é analisado como representação metafórica do embate entre Crátilo e Hermógenes, entre o signo motivado e o signo arbitrário, tal como ocorre no “familiarizado” Diálogo de Platão.

Com base em declaração feita por Rosa em célebre entrevista a

Gunter Lorenz, momento em que o romancista afirmou que o romance corresponderia à sua “autobiografia irracional”, o último capítulo analisa o ofício do escritor, a questão da inspiração poética, da filiação literária, a coerência entre a obra de Rosa com a vida (altamente ficcionalizada) do diplomata poliglota nascido em Cordisburgo, homem de letras em busca do prêmio literário (a taça “Otacília” ou a posse adiada por quatro anos na Academia Brasileira de Letras). Nesse percurso em que ficção e realidade confundem-se por obra e na obra do autor, o espectro do pacto, nos moldes goetheanos, assume grande

importância: assim como, nas páginas do romance, Faustino (o pequeno Fausto) tece um pacto com Davidão (Dá-vidão, ou Mefistófeles), também Rio-bardo (desdobramento “irracional” de Rosa) faz um pacto com o Demo (“Dê-mots”, “dê palavras”, ou “des mots”, “palavras”) e elimina Hermógenes (o signo arbitrário) do universo das letras. Nessa perspectiva, diz Marinho, o grande e insolúvel enigma é a morte anunciada durante quatro anos por Guimarães Rosa e ocorrida, de forma misteriosa e inexplicável, três dias após a tão desejada e tão adiada posse na Academia.